

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

**CONTROVÉRSIAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE ORGANISMO NO
BEHAVIORISMO RADICAL**

Breno Pitol Trager (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: breno.ptl@gmail.com

Palavras-chave: Desenvolvimento. Evolução. Comportamento.

Na perspectiva skinneriana o comportamento é a relação entre o organismo e o ambiente (SKINNER, 2007). Com efeito, para se esclarecer o conceito de comportamento é preciso entender os termos relacionados *ambiente* e *organismo*, e qual é o tipo de relação que se dá entre eles. Após algumas mudanças de cunho conceitual em sua obra, parece consenso de que, para Skinner (2007), o ambiente envolve situações antecedentes e consequências, e que essas últimas têm um papel selecionador, gerando, ao longo de um processo seletivo, tendências ou probabilidades de ação. Contrastando com esse caráter supostamente consensual do conceito de ambiente, o texto skinneriano carece, à primeira vista, de uma noção precisa de organismo, apresentando ambiguidades ao longo de sua obra com respeito a esse termo (SKINNER, 1995, 2007).

Em princípio, uma das maneiras de tentar dirimir essas ambiguidades é recorrer a teorias biológicas, o que se justifica no caso de Skinner, que sempre flertou com essa área de conhecimento. Não obstante, o que se verifica é que no terreno biológico também há controvérsias com respeito ao conceito de organismo. Diferentes teorias biológicas, que apresentam diferenças em seus compromissos filosóficos subjacentes, exibem acepções de organismo muitas vezes conflitantes entre si. Com base em Lewontin (2002), verifica-se esse problema teórico no âmbito das teorias do desenvolvimento e da evolução, na medida em que ambas buscam explicar os organismos respondendo por qual motivo eles apresentam similaridades e diferenças entre si e por que elas são compatíveis com o mundo circundante.

No caso da Biologia do Desenvolvimento, há, pelo menos, dois conjuntos de pressupostos que orientam as explicações. Um deles é o *pré-formacionismo*, segundo o qual o organismo adulto seria determinado estritamente por princípios preexistentes. Seu correlato contemporâneo é o *desenvolvimentismo*, que situa os genes como o princípio gerativo do organismo. Já a explicação por *epigênese* defende a tese principal de que o ovo fertilizado não oferece, por si só, as condições determinantes para a emergência do organismo adulto, pois ocorrem mudanças substanciais ao longo da ontogênese. Em suma, segundo o

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

desenvolvimentismo, ao qual a epigênese endereça críticas, o organismo carrega os genes e o ambiente dispõe apenas de condições ótimas e mínimas para que o protagonista, o código genético, encene seu *script*.

No que concerne à Biologia Evolutiva, Lewontin (2002) contrasta o *neodarwinismo* e o *construcionismo*. O neodarwinismo ampara-se na metáfora darwinista da *adaptação*, segundo a qual o ambiente apresentaria demandas para as quais o organismo teria de se ajustar. Nessa perspectiva, a diversidade das espécies seria gerada pela adequação do organismo ao ambiente preexistente, de modo que ao longo da evolução os organismos ramificaram-se em espécies que melhor apresentaram condições de crescer e se reproduzir. De acordo com Lewontin (2002), a metáfora da adaptação sugere que organismo e ambiente existem independentemente. Lewontin explica:

[as explicações adaptativas] parecem fazer dos organismos particulares apenas um pretexto para um projeto diferente, o de mostrar como as propriedades dos seres vivos seguem demandas do ambiente por meio da adaptação. Segundo esse ponto de vista, o organismo é objeto das forças evolutivas, o nexa passivo de forças externas e internas independentes, as primeiras gerando “problemas” aleatórios com respeito ao organismo e as últimas gerando “soluções” aleatórias com respeito ao ambiente. (LEWONTIN, 2002, p. 52)

O trecho supracitado sugere ainda que tal cisão ganha respaldo na afirmação contemporânea de que há também uma independência causal entre organismo e ambiente no que tange à origem das variações, que são entendidas pelo neodarwinismo em termos de variações genéticas aleatórias (JABLONKA; LAMB, 2010; LEWONTIN, 2002). Desse modo, o neodarwinismo acaba também outorgando ao organismo o papel de *locus* da evolução: o organismo seria entendido como o mero estoque de variações originalmente cegas às suas funções, que serão, posteriormente, selecionadas pelo ambiente. Já na perspectiva construcionista, segundo Lewontin (2002, p. 53), “assim como não pode haver organismo sem ambiente, não pode haver ambiente sem organismo”, de modo que o fenômeno biológico é mais bem captado caso se parta do pressuposto de que ele ocorre em uma relação. Além disso, essa relação se caracteriza por uma coevolução, na qual pequenas mudanças no organismo e no ambiente levam a mudanças no sistema como um todo, que se apresenta como uma *continuidade topológica* ou, em outras palavras, aqui o organismo é aberto a um intercâmbio com o ambiente, sendo que esse último só existe na relação com aquele (LEWONTIN, 2002).

Por fim, há um movimento na Biologia Evolutiva buscando resgatar as interações que ocorrem entre o desenvolvimento e a evolução, colocando em xeque o esgotamento do organismo no seu material genético, seja em sua vertente desenvolvimentista ou

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

neodarwinista. Esse conjunto de teorias pode ser unificado em um paradigma, o epigenético, em função da crença comum de que não só o desenvolvimento, mas também a evolução ocorrem por epigênese ou, em outras palavras, que o comportamento dos organismos pode influenciar o curso da evolução (ALMEIDA; FALCÃO, 2008, JABLONKA; LAMB, 2010).

Considerando o que a Biologia tem dito acerca do organismo e do ambiente, as ambiguidades conceituais na obra skinneriana ganham expressão. Uma delas, em especial, tangencia a interface entre Análise do Comportamento e as teorias do desenvolvimento. Skinner (1995, 2007) impugna o conceito de desenvolvimento entendido em seus moldes tradicionais por ter nuances criacionistas, pressupondo uma origem preexistente do comportamento. Em suas palavras:

[...] afirma-se que genes e cromossomos “contêm a informação” necessária para que o ovo fertilizado se torne um organismo maduro. Mas uma célula não consulta um depósito de informações para que aprenda a mudar; ela muda em função de características que são o produto de uma história de variação e seleção, um produto que não é propriamente representado pela metáfora do armazenamento. (SKINNER, 2007, p. 134)

Dessa assertiva skinneriana seria possível extrair afinidades com a filosofia da epigênese, ao menos no nível ontogenético?

Skinner (2007) também explica a origem e a evolução do comportamento analogamente à gênese e à evolução das espécies tal como as entende Darwin, isto é, por meio dos processos de variação e seleção. De uma perspectiva skinneriana novas “espécies” de comportamentos surgem por meio da seleção de variações comportamentais aleatórias.

O conceito de seleção é mais uma vez a chave. As mutações, na teoria genética e evolutiva, são casuais e as topografias das respostas selecionadas pelo reforço são, se não aleatórias, pelo menos não necessariamente relacionadas com as contingências em que serão selecionadas. (SKINNER, 1999, p. 100-101)

Se até aqui fica claro que o ambiente atua selecionando essas variações, qual é o papel do organismo no processo evolutivo? Ao se pronunciar sobre a filogênese e a evolução, o psicólogo critica a noção de agente iniciador, parecendo atrelar sua teoria aos cânones neodarwinistas. Skinner declara: “nós tentamos identificar tal agente quando dizemos [...] que a espécie se adapta a um ambiente, ao invés de dizer que o ambiente seleciona as características adaptativas” (SKINNER, 2007, p. 135).

Em última instância, com qual vertente da Biologia Evolutiva Skinner parece exibir melhores condições de estabelecer um diálogo virtuoso? Apesar de em algumas passagens o autor esbarrar nos pressupostos neodarwinistas, em outros momentos o autor afirma que

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá

28 a 30 de Novembro de 2012

“um organismo é mais do que um corpo; é um corpo que faz coisas. Ambas as palavras *órgão* e *organismo*, são etimologicamente ligadas a trabalho. O organismo é o executor” (SKINNER, 1995, p. 28, grifos do autor). Qual é o escopo da afirmação de que o organismo é o executor? Seria possível conciliar essa concepção com a crítica à noção de agente iniciador?

À luz dessas discussões, o objetivo deste trabalho é esclarecer o conceito de organismo no modelo de seleção pelas consequências de B. F. Skinner por meio de um diálogo entre o Behaviorismo Radical e o paradigma epigenético. Questiona-se, especialmente, como o modelo explicativo de *seleção por consequências* é capaz de sustentar um pronunciamento sobre o organismo e seu papel na evolução do comportamento.

Este trabalho é, portanto, de natureza conceitual, caracterizado por uma intertextualidade, cuja construção depende de relações conceituais (ABIB, 2005). Seguindo essa linha de raciocínio, o paradigma epigenético servirá, aqui, como pré-texto filosófico para interpelar o texto skinneriano quanto às suas possíveis acepções de organismo.

Esta pesquisa será dividida em três etapas: (i) caracterização dos conceitos de organismo e ambiente no paradigma epigenético; (ii) sistematização dos usos do termo organismo no texto skinneriano; e (iii) eventuais relações entre o paradigma epigenético e o Behaviorismo Radical de Skinner. Para tanto, pautar-se-á no método de análise conceitual-estrutural de texto (LAURENTI; LOPES, 2010), que consiste em quatro momentos distintos, mas interdependentes: (i) seleção e definição dos conceitos importantes, orientados pelo problema de pesquisa; (ii) identificação das teses tradicionais, críticas e alternativas que são centrais a esses conceitos; (iii) elaboração de esquemas articulando os resultados das etapas anteriores; e (iv) redação de resumos dos textos selecionados. Por fim, com base nos resumos, será redigido um intertexto articulando os resultados obtidos pela análise conceitual das teorias epigenética e skinneriana referentes à temática da pesquisa.

Este trabalho parte de um diálogo entre Análise do Comportamento e paradigma epigenético que pode ser proveitoso para ambos. De um lado, a Análise do Comportamento pode se beneficiar das discussões epigenéticas, que podem ajudar a esclarecer acepções de organismo na ciência skinneriana, em especial, aquelas que dão margem para um papel ativo do organismo no processo evolutivo (SKINNER, 1995). Por outro lado, vale lembrar que a visão relacional do modelo de seleção pelas consequências pressupõe o comportamento do indivíduo como produto da intersecção entre filogênese, ontogênese e cultura, e sendo assim, poderia lançar luz sobre as interações que ocorrem entre filogênese e ontogênese, um dos interesses do paradigma epigenético.

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
Universidade Estadual de Maringá
28 a 30 de Novembro de 2012

Tendo em vista os supostos benefícios deste estudo, vê-se ainda a sua pertinência em função do que vem sendo privilegiado na literatura analítico-comportamental, quando o assunto em tela é a relação entre Análise do Comportamento e Biologia: um estudo, muitas vezes de cunho experimental, entre o comportamentalismo skinneriano e as Neurociências, buscando entre eles uma síntese, como se vê na proposta biocomportamental (CAVALCANTE, 1997). Se, conforme Skinner (1990), a Psicologia é uma ciência do processo, e não do produto, interessada em entender como o comportamento evolui, uma interface com a Biologia se justifica na medida em que mudanças na concepção de organismo estão ocorrendo, via o paradigma epigenético. Ademais, espera-se elucidar o papel do organismo no processo evolutivo não só em termos de seus genes, ou de seu cérebro, mas, sobretudo, com a sua ação. E o organismo, afinal, parece ser um elemento imprescindível da relação comportamental.

Referências

- ABIB, J. A. D. Prólogo à história da psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 53-60, 2005.
- ALMDEIDA, A. V.; FALCÃO, J. T. R. Piaget e as teorias da evolução orgânica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 3, 2008.
- CAVALCANTE, S. N. Abordagem biocomportamental: *síntese* da análise do comportamento?. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 10, n. 2, 1997.
- JABLONKA, E.; LAMB, M. J. **Evolução em quatro dimensões: DNA, comportamento e história de vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LAURENTI, C; LOPES, C. E. **Método de análise conceitual-estrutural**. Maringá: UEM/DPI, 2010. 3 p. [Texto não publicado elaborado para fins didáticos].
- LEWONTIN, R. C. **A tripla hélice: gene, organismo e ambiente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SKINNER, B. F. Can psychology be a science of mind? **American Psychology**, v. 45, p. 1206-1210, 1990.
- SKINNER, B. F. Seleção pelas consequências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 1, p. 129-137, 2007.
- SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SKINNER, B. F. **Questões recentes na análise comportamental**. Tradução de Anita Liberalesso Neri. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.